A ÓTICA DOCENTE SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Carlos Eduardo Macedo Souza[1], Acreciana de Sousa Melo[2], Fabiana Mendonça Lima[3], Marcos Aurélio Moreira Franco 4

1. Acadêmico em Pedagogia do 3º semestre pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil. eduardo.souza@urca.br

2. Docente Orientador do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil. acreciana.melo@urca.br

3. Co-autora, docente do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará Brasil fabiana.mendonca@urca.br

4. Co-autor, docente do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará Brasil marcos.franco@urca.br

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar, a partir da visão docente, os desafios e as perspectivas relativas aos processos de alfabetização e letramento na contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada com três docentes da rede pública de ensino do município de Nova Olinda - Ceará, fundamentando-se no pensamento de autores importantes no campo da cientificidade, tais como: Pimenta; Ghedin (2006); Soares (2003), Soares (2023) e Freire (2017). A produção dos dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário com as docentes, sendo problematizados e refletidos a partir das devolutivas das participantes.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Docência. Desafios. Perspectivas**.**

Introdução

O referido estudo se efetiva por meio de uma abordagem investigativa cujo foco se direciona ao entendimento e a problematização a partir das narrativas docentes sobre a dinâmica da alfabetização e do letramento no ciclo de alfabetização de uma instituição pública do município de Nova Olinda-CE.

Diante disso, ao entender a necessidade de oportunizar ao professorado um espaço de fala e reflexão consciente e mais detalhada acerca de suas práticas e abordagens metodológicas pertencentes a esse relevante processo, tal objeto incita à criticidade sobre os desafios enfrentados e indica à busca de novas possibilidades e perspectivas para a inovação e continuidade dessa proposta, bem como direciona ao desenvolvimento profissional, à construção de saberes e ao fortalecimento da identidade docente (Pimenta; Ghedin, 2006). De modo a fundamentar essa argumentação, edificando-a a partir do conhecimento socialmente construído, organizado e sistematizado, demanda-se inicialmente abordar sobre os aspectos etimológicos, isto é, às origens, às raízes e aos sentidos das palavras, o significado real da alfabetização e do letramento.

Em primeiro plano, infere-se que a palavra alfabetização tem origem grega e advém das duas primeiras letras de seu alfabeto - *alfa (α) e beta (β)*. Do grego para o latim houveram algumas modificações - *alphábētos* para *alphabetum* -, entretanto o sentido fora preservado: "conjunto de letras". No português, na tentativa de indicar ação, utilizou-se como sufixo a terminação *"ização"*, com o fito de dar ênfase ao processo, a ação do alfabetizar, do aprender a ler e a escrever.

De acordo com Soares (2023, p. 27) a alfabetização refere-se ao "processo de apropriação da tecnologia da escrita, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita", ou seja, o processo de alfabetização não pode ser visto apenas como uma abordagem técnica, mas também por um viés social e cultural, ao possibilitar ao sujeito a participação efetiva em uma sociedade letrada.

Ao tratar de letramento, entende-se que, etimologicamente, o mesmo está ligado ao sentido de domínio da leitura e da escrita. Em sua origem, letra vem do latim "*littera"*, que significa: "letra do alfabeto". Assim, o letramento envolve as "capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais" (Soares, 2023, p. 27). Implica, portanto, várias habilidades, como por exemplo: a capacidade efetiva de ler e escrever, a capacidade de interpretar e produzir diferentes gêneros textuais e a habilidade de interagir com outros.

Ao analisar esses registros, percebe-se a semelhança e a complementaridade entre esses dois importantes aspectos que precisam estar sempre articulados às experiências práticas e sociais dos educandos. Ainda conforme Soares, "alfabetização e letramento são

processos cognitivos e linguísticos distintos [...], entretanto [...], são processos simultâneos e interdependentes" (Soares, 2023, p. 27).

Sendo assim, elucida-se a essencialidade tanto do alfabetizar como do letrar, não como um processo apenas técnico, mas como um artifício político e social para o desenvolvimento integral, coletivo e humano na contemporaneidade (Freire, 2017). Nesse sentido, idealiza-se que o indivíduo não aprenda somente a decodificar letras e palavras, mas também a compreendê-las, interpretá-las e utilizá-las no dia a dia de forma significativa e contextualizada, em diferentes situações. Dessa maneira, é preciso uma mediação pedagogicamente efetiva e intencionalizada por parte dos profissionais responsáveis por esse processo (Freire, 1996).

Diante disso, entende-se que a alfabetização e o letramento não podem ser pensados separadamente, pois são aspectos que se complementam, quase que indissociáveis (Soares, 2004). Como falado anteriormente, um garante o domínio do sistema de escrita (decodificar), enquanto o outro amplia esse conhecimento, possibilitando o uso crítico e ao mesmo tempo consciente da linguagem nos mais variados contextos. Unidos, ambos oportunizam a autonomia do sujeito, bem como o acesso à informação e a uma educação de qualidade, à participação plena na política e na sociedade e o exercício da cidadania, além de favorecerem o pensamento crítico e contextualizado, fazendo jus às orientações legais vigentes à esfera educacional, tais como: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Brasil, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018).

Em face do exposto**,** é imprescindível entender o ponto de vista dos professores acerca das vivências e percepções sobre a alfabetização e o letramento em suas realidades de atuação, visando uma maior amplitude do cenário educacional contemporâneo. Assim, urge pensar: quais os principais desafios e possibilidades diante dos processos de alfabetizar e letrar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Com base nisso, ao entender que a docência se fortalece na medida em que os saberes científicos e pedagógicos se articulam no contexto de experiências (Pimenta, 1999), essa pesquisa objetiva identificar os desafios e as perspectivas da alfabetização e do letramento no ciclo de alfabetização, sob a ótica docente , considerando, também a formação profissional do pedagogo, bem como o suporte institucional. Nesse ínterim, a

pesquisa oportunizou um espaço de fala a professores formados em pedagogia, acerca de suas perspectivas e experiências no ciclo de alfabetização, especificamente 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.

Desenvolvimento

Para a realização deste estudo, além dos fundamentos bibliográficos, aplicou-se um questionário como instrumento de produção dos dados, com três docentes que atuam no ciclo de alfabetização. A pesquisa foi desenvolvida no mês de janeiro do presente ano de 2026, na cidade de Nova Olinda, localizada na região do cariri-oeste, no sul do Ceará, a aproximadamente 510 km da capital Fortaleza.

De acordo com Oliveira (2007, p. 83), "O questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o (a) pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo". Assim, entende-se que, mesmo sendo flexível, o questionário não contempla a neutralidade na medida em que oportuniza o pensamento crítico e reflexivo do participante.

Em relação às participantes desta pesquisa, destacamos que contribuíram três docentes do sexo feminino, com formação inicial em Pedagogia, todas efetivas na Rede Pública de Ensino do Município supracitado, cuja atuação ocorre no ciclo de alfabetização, respectivamente no primeiro e no segundo ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A produção dos dados foi elaborada e sistematizada com o intuito de atender as necessidades dessa investigação. Seguindo o proposto, as participantes responderam a um compilado composto por cinco questões abertas, as quais foram pensadas e organizadas de modo a contemplar a abordagem principal dessa pesquisa: a ótica docente sobre a alfabetização e o letramento - desafios e perspectivas.

Assim, nesta seção, convém apresentar os principais achados da pesquisa, com base nas respostas das docentes às perguntas do questionário. Para tanto, buscou-se uma análise qualitativa, de modo a explicar e refletir com profundidade sobre as informações obtidas.

Vale ressaltar que, considerando a questão ética da pesquisa, as professoras participantes terão suas identidades preservadas e serão identificadas em suas falas, como: Professora 1 (P1), Professora 2 (P2) e Professora 3 (P3).

De início, tendo como base o primeiro objetivo específico acerca das práticas pedagógicas e metodológicas, perguntou-se às professoras: Quais são os principais critérios utilizados para a escolha dos métodos de alfabetização em sua rotina escolar?

Sobre essa questão, a professora 3 assim respondeu: “Depois de identificar as habilidades e conhecimentos das crianças, isto é, fazer uma anamnese das realidades individuais e conjuntas, é que se torna possível estabelecer critérios para a rotina pedagógica e execução das propostas e métodos”(P3). Dando continuidade a essa indagação, as outras professoras participantes, compartilharam:

> A escolha dos métodos de alfabetização se baseia principalmente no perfil da turma, nos conhecimentos prévios dos alunos, nas orientações do currículo oficial (BNCC) e nas propostas pedagógicas da rede de ensino. Considero também a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem, buscando integrar diferentes abordagens metodológicas, como: atividades fonológicas, leitura de textos reais e práticas significativas de escrita. (P1)

> Antes de tudo, para estipular os métodos de ensino, é preciso identificar o perfil da turma, analisando os níveis de aprendizagem dos alunos, as dificuldades, etc. A partir disso, é que podemos pensar em como trabalhar os conteúdos sistematizados na proposta curricular, de modo a se adaptar a realidade dos discentes e suas necessidades. (P2)

As devolutivas das entrevistadas evidenciam que a escolha dos métodos de alfabetização, na rotina escolar, não ocorre de forma aleatória ou padronizada, mas sim, com base em uma análise minuciosa do cenário educativo, levando-se em conta as características coletivas e individuais dos discentes.

Resumidamente, as participantes elucidam a importância de conhecer o perfil da turma como um ponto de partida importantíssimo para o planejamento pedagógico, considerando também os conhecimentos prévios, os níveis de aprendizagem, as dificuldades apresentadas e as diferentes realidades individuais e coletivas das crianças.

Nesse ínterim, elucida-se que a identificação das habilidades e necessidades dos estudantes - por meio de observações, atividades diagnósticas ou anamnese - torna-se essencial para orientar a definição dos critérios metodológicos.

As falas também ressaltam a necessidade de alinhar as práticas de alfabetização às orientações do currículo oficial, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e às propostas pedagógicas da rede de ensino, garantindo coerência entre teoria e prática.

Além disso, as participantes da pesquisa demonstram uma preocupação comum com a diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem, o que leva à adoção de abordagens metodológicas flexíveis e integradas. Percebe-se, então, que essa perspectiva favorece a combinação de práticas significativas de escrita, de modo a tornar o processo de alfabetização mais contextualizado, inclusivo e adequado à realidade dos discentes.

Posto isso, torna-se necessário problematizar o que se propôs na segunda pergunta: Como você equilibra o ensino da decodificação (alfabetização) com a prática social da leitura e da escrita (letramento)?

> O equilíbrio ocorre por meio da articulação entre atividades sistemáticas de ensino do sistema alfabético — como consciência fonológica, correspondência grafema-fonema e escrita de palavras — e situações reais de uso da leitura e da escrita. Utilizo textos variados (bilhetes, listas, histórias, cartazes), promovendo a leitura com intencionalidade e a produção textual contextualizada, de modo que o aluno compreenda a função social da língua escrita. (P1)

> Equilibrar a decodificação na alfabetização significa focar nas habilidades fonéticas (sons das letras) e fonêmicas (sons das palavras) de forma explícita e consistente, usando métodos fônicos e atividades lúdicas (alfabeto móvel, jogos) para construir a base, mas sem esquecer a leitura e a escrita de textos significativos, para que a decodificação se torne automática, liberando atenção para a compreensão, e avançando para a fluência e o prazer de ler, num processo que prioriza o rigor científico e a participação ativa dos alunos. (P2)

Nessa perspectiva, comentou a professora 3: “Trabalhando atividades diferenciadas, contando sempre com o auxílio de imagens ou ilustrações de coisas que fazem parte e estão presentes no dia a dia das crianças, de modo também a dialogar com o alfabetário. (P3)”.

Como visto, as professoras participantes evidenciam uma compreensão semelhante de que o equilíbrio entre alfabetização e letramento se constrói pela integração entre o ensino sistemático do código escrito e o uso social da leitura e da escrita. Sendo assim, o trabalho integrado entre a alfabetização e o letramento aparece como alicerce para que os alunos se apropriem do sistema alfabético de forma segura, progressiva e significativa.

Simultaneamente, esse ensino não ocorre de maneira isolada ou mecânica, mas sim, articulado à atividades lúdicas e recursos visuais, como imagens e ilustrações próximas ao cotidiano infantil e materiais concretos, como o alfabeto móvel, que favorecem a participação ativa das crianças. Do mesmo modo, as professoras destacam a importância de inserir os alunos em práticas reais e significativas de leitura e escrita, utilizando textos

variados - bilhetes, listas, histórias, cartazes - e promovendo produções textuais contextualizadas e com intencionalidade.

Assim, as habilidades de leitura e de escrita vão evoluindo e se tornando cada vez mais espontâneas, incentivando a atenção do aluno para a compreensão, a fluência e o prazer de ler, ao mesmo tempo em que ele compreende a função social da língua escrita, consolidando um processo de alfabetização que se sustenta tanto no rigor pedagógico quanto no sentido social do aprender a ler e a escrever.

Logo, diante dessa realidade, necessitou-se questionar também: Qual é o maior obstáculo enfrentado hoje para garantir que todos os alunos estejam alfabetizados na idade certa?

> O maior obstáculo está relacionado às desigualdades sociais e educacionais, que impactam diretamente o processo de aprendizagem. Dificuldades como defasagem na educação infantil, falta de acompanhamento familiar, turmas heterogêneas e, em alguns casos, a falta de apoio especializado dificultam a garantia da alfabetização na idade prevista. (P1)

> O maior obstáculo para a alfabetização na idade certa é uma combinação complexa de fatores sociais, econômicos, educacionais e familiares, incluindo a desigualdade social, a baixa qualidade da formação e apoio aos professores, a falta de estímulo familiar e de acesso à cultura escrita em casa, e a necessidade de melhores políticas públicas para garantir formação docente, recursos e acompanhamento individualizado. (P2)

> Em minha perspectiva, um dos maiores obstáculos e impasses ainda persistentes é a falta de compromisso e responsabilidades dos responsáveis, devido ao insuficiente acompanhamento na vida escolar de seus filhos. Acredito que se houvesse uma maior atenção por parte deles, muitos não teriam tantas dificuldades no processo de alfabetização. (P3)

Analisando as respostas das participantes, observa-se um consenso de que o maior obstáculo para garantir a alfabetização de todos os alunos na idade certa está fortemente ligado a fatores que extrapolam o espaço escolar. As desigualdades sociais e educacionais aparecem como um elemento central, interferindo diretamente no processo de aprendizagem, sejam pelas dificuldades enfrentadas na etapa da Educação Infantil, pela grande quantidade de alunos por turma ou pela ausência de apoio especializado para atender às diferentes necessidades dos estudantes. Somam-se a isso a influência do contexto familiar, especialmente a falta de acompanhamento sistemático da vida escolar e o pouco estímulo à cultura escrita no ambiente familiar , o que compromete o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Além disso, destacam-se desafios estruturais do sistema educacional, como a necessidade de maior investimento em políticas públicas, formação e valorização docente, oferta de recursos pedagógicos adequados e acompanhamento individualizado dos alunos. Nesse cenário, fica evidente que a alfabetização na idade certa exige uma atuação conjunta entre família, escola e poder público, com responsabilidades compartilhadas e ações articuladas que minimizem as desigualdades e promovam condições mais equitativas de aprendizagem.

Dentro dessa abordagem, deve-se pensar também sobre a formação profissional do pedagogo, bem como acerca do suporte institucional disponibilizado. A partir disso, questionou-se: Você considera que a sua formação inicial e continuada forneceu ferramentas teóricas e práticas suficientes para os desafios da sala de aula atual?

> A formação inicial forneceu uma base teórica importante, porém os desafios atuais da sala de aula exigem constante atualização. A formação continuada é essencial para ampliar estratégias pedagógicas, refletir sobre a prática docente e lidar com a diversidade dos alunos. Ainda assim, considero que é necessário maior investimento em formações práticas, alinhadas à realidade escolar. (P1)

> Sim. Sem a minha formação inicial seria muito difícil desenvolver significativamente as propostas pedagógicas em sala de aula. Entretanto, acredito que não são suficientes para os tantos desafios em sala de aula, é preciso sim se especializar e estar sempre em contínua formação, buscando recursos, abordagens diferenciadas que nos auxiliam em nossas práticas pedagógicas. (P2)

Sobre isso, afirmou a professora 3: “Sim, considero e acredito que sem ela seria muito difícil de mediar esse processo tão importante que é a alfabetização e o letramento com intencionalidade, precisão e maestria, como nos é incubido.” (P3)

Em geral, as professoras participantes reconhecem que a formação inicial exerce um papel fundamental na constituição da prática docente, especialmente por fornecer bases teóricas indispensáveis para o desenvolvimento das propostas pedagógicas e para a mediação de processos complexos, como a alfabetização e o letramento. No entanto, há consenso de que essa formação, por si só, não é suficiente para dar conta dos múltiplos desafios presentes em sala de aula.

As falas evidenciam a necessidade de uma formação continuada que possibilite a atualização constante, o aprofundamento de estratégias pedagógicas e a reflexão crítica sobre a prática docente, sobretudo diante da diversidade dos alunos e das demandas reais do

contexto escolar. Nesse sentido, as participantes destacam a importância de investir em especializações e em formações mais práticas, alinhadas ao cotidiano da escola, que auxiliem o professor a ampliar repertórios, adotar abordagens diferenciadas e atuar com maior segurança e fundamentação em sua prática pedagógica**.**

Já acerca das percepções e avaliações desse processo, interrogou-se: Como você define o êxito de uma prática pedagógica de alfabetização ao final de um ano letivo?

> O êxito de uma prática pedagógica de alfabetização é definido não apenas pela capacidade do aluno de decodificar palavras, mas pela sua autonomia no uso da leitura e da escrita em diferentes contextos. Considero bem-sucedida a prática quando os alunos demonstram avanço significativo, interesse pela leitura, conseguem produzir textos coerentes com apoio adequado e utilizam a escrita como ferramenta de comunicação e participação social. (P1)

> Quando há de fato o aprendizado, quando as crianças absorvem os conteúdos, tudo que foi repassado durante todo o ano letivo e conseguem, de fato, desenvolver o letramento, isto é, utilizá-los de forma autônoma nas suas rotinas do dia a dia, em casa, na escola e em vários outros locais e nas mais diversas situações. (P2)

> A partir de todas as vivências e experiências trabalhadas durante o ano letivo e através das habilidades consolidadas, do aprendizado real das crianças que acompanhamos durante todo esse período.Tudo isso contribui para o bom êxito do processo de alfabetização. (P3)

As professoras entendem o êxito de uma prática pedagógica de alfabetização como um processo que vai além da simples aquisição de habilidades mecânicas de leitura e escrita, envolvendo o desenvolvimento integral do letramento e da autonomia dos estudantes.

Amplamente, as falas evidenciam que o sucesso ao final do ano letivo está relacionado ao aprendizado efetivo construído ao longo das vivências e experiências propostas em sala de aula.

A professora 1 (P1), destaca que uma prática bem sucedida se manifesta quando os alunos não apenas decodificam palavras, mas utilizam a leitura e a escrita de forma autônoma em diferentes contextos, demonstrando interesse pela leitura, capacidade de produzir textos coerentes - ainda que com apoio - e utilizando a escrita como instrumento de comunicação e participação social.

De forma semelhante, a professora 2 (P2), enfatiza que o êxito ocorre quando as crianças absorvem os conteúdos trabalhados durante todo o ano e conseguem aplicá-los em suas rotinas diárias, isto é, dentro e fora da escola, evidenciando o desenvolvimento do letramento em situações diversas.

Já a professora 3 (P3), reforça essa perspectiva ao relacionar o sucesso da prática pedagógica às experiências vivenciadas ao longo do ano letivo e à consolidação das habilidades, ressaltando o aprendizado real das crianças acompanhadas durante o período. Assim, as três falas convergem para a compreensão de que o êxito da alfabetização está associado à aprendizagem significativa, à consolidação de habilidades e ao uso funcional da leitura e da escrita na vida cotidiana.

Conclusões

Em suma, os resultados evidenciam que as práticas pedagógicas de alfabetização não se configuram como ações homogêneas ou mecânicas, mas como processos de intencionalidades, que devem ser flexíveis, contextualizados e fundamentados no perfil da turma, nos saberes prévios dos alunos e mediante as orientações curriculares.As docentes participantes demonstram compreender a alfabetização como um processo indissociável do letramento, no qual o ensino sistemático do código escrito deve estar articulado às práticas sociais de leitura e escrita, garantindo sentido e funcionalidade ao aprender.

Além disso, os achados revelam que os maiores obstáculos para a alfabetização na idade certa extrapolam o espaço escolar, estando relacionados, sobretudo, às desigualdades sociais, à ausência de acompanhamento familiar e às limitações estruturais do sistema educacional - fatores reforçam a necessidade de uma atuação conjunta entre escola, família e poder público, bem como de políticas educacionais que assegurem condições mais equitativas de aprendizagem.

Por fim, ao problematizar à formação docente, constatou-se que, embora a formação inicial seja reconhecida como essencial, ela não se mostra suficiente para enfrentar a complexidade dos desafios contemporâneos da sala de aula, tornando imprescindível o investimento contínuo em formação continuada, alinhada às demandas reais do contexto escolar.

Conclui-se que, a compreensão de êxito na alfabetização, segundo as professoras, está vinculada à aprendizagem significativa, à consolidação das habilidades de leitura e escrita e, sobretudo, à autonomia dos alunos no uso social da língua escrita, evidenciando o que aqui propomos refletir e destacar, ou seja, que alfabetizar vai além de ensinar a decodificar, implicando formar sujeitos capazes de ler, escrever e interagir criticamente com o mundo letrado.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. ***Base Nacional Comum Curricular***. Brasília: MEC, 2018

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). ***Professor reflexivo no Brasil*: gênese e crítica de um conceito.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In: Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez; 1999.

SOARES, Magda. **"Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos".** *Revista Pátio*, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.